

## **Paraísos, Monstros e Um Náufrago Português: Aleixo Garcia e a Mitologia da Conquista Ibérica (1300 – 1745)**

Guilherme Raul Blaese Pasold  
[billpasold@terra.com.br](mailto:billpasold@terra.com.br)  
Universidade Federal de Santa Catarina

**RESUMO:** Este artigo estuda quatro dos mitos que pertenciam ao imaginário dos exploradores portugueses e espanhóis, proveniente de um período que vai, na sua extensão máxima, do século XIV até meados do século XVIII e onde estão inseridas as Grandes Navegações. Também analisa a trajetória do náufrago Aleixo Garcia na sua busca pelo Eldorado. Por fim, busca mostrar como ambos os assuntos estão inter-relacionados.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mitologia; Jardim do Éden ; Eldorado; Aleixo Garcia.

**ABSTRACT:** This article examines four of the myths that belonged to the imagination of the Portuguese and Spanish explorers, from a period spanning at its maximum extent, from the fourteenth century until the mid-eighteenth century and where are inserted the Great Navigations. It also analyzes the history of the castaway Aleixo Garcia in his quest for Eldorado. Finally, it seeks to show how both issues are interrelated.

**KEYWORDS:** Mythology; Garden of Eden; Eldorado; Aleixo Garcia

*Heavens, monsters and a portuguese shipwrecked: Aleixo Garcia and Iberian Mythology of Conquest (1300 - 1745)*

Os acontecimentos do período conhecido como Era dos Descobrimentos acabaram por redesenhar os mapas mundiais, alterando muitas das concepções que a humanidade possuía sobre si própria e sobre o planeta em que vivia. E, não menos importante, tais acontecimentos também possibilitaram o surgimento de diversas das nações atuais, entre elas o Brasil. Esse empreendimento posto em prática pelos europeus teve motivos políticos, econômicos, sociais e mitológicos. Este artigo pretende analisar alguns desses mitos, bem como mostrar como o imaginário desse período teve influência na façanha realizada por Aleixo Garcia, ele próprio um personagem de caráter lendário.

A origem do mito da fonte da juventude é incerta. Sabe-se que ela já era mencionada nos escritos de Heródoto, onde está registrada a existência de uma fonte localizada na Etiópia, cujas águas especiais dotavam os etíopes de grande longevidade. Além disso, águas similares também estão presentes nas mitologias de tribos indígenas do Caribe. Mas, foi, sobretudo na Idade Média que esse mito começou a se popularizar e a ser



Guilherme Raul BlaesePasold - Paraísos, Monstros e Um Náufrago Português: Aleixo Garcia e a Mitologia da Conquista Ibérica (1300 – 1745)

relacionada com o Jardim do Éden, de onde suas águas supostamente emanariam. Tal associação era acreditada por Preste João, o lendário imperador da Etiópia. No texto da célebre carta do Preste João, precisa-se que a mesma fonte ficava situada à distância de três dias do jardim de onde Adão fora expulso<sup>1</sup>.

Ainda segundo ele, quem estivesse em jejum e bebesse três vezes das águas da fonte passaria a ficar livre de qualquer tipo de doença e viveria como se tivesse apenas 32 anos de idade. Outra carta que testifica sobre a fonte da juventude é uma do historiador italiano e sábio humanista Pedro Mártir de Anghiera, na qual ele conta a história de um homem já bastante idoso que foi rejuvenescido após beber das águas da fonte, casando-se e tendo filhos novamente. O fato de que, em 1513, o Papa Leão X intimou Pedro Mártir de Anghiera a lhe fornecer um relatório sobre o assunto, mostra que, agora já na Era dos Descobrimentos, esse mito ganhava adeptos não só entre o povo, considerado pelos historiadores como sendo o principal difusor desse tipo de história, mas também entre os membros da Igreja e da Corte, provando que esse imaginário não habitava somente a cabeça das classes populares, consideradas naturalmente mais crédulas.

Além dos exemplos citados, numerosos outros relatos existiram em ambas as margens do Atlântico, mas que acabaram por se tornar obscuros ou até mesmo por desaparecerem devido a razões que fogem do conhecimento dos pesquisadores, embora problemas de conservação dos registros e acidentes como incêndios e naufrágios sejam apontados como possíveis culpados pelo obscurantismo ou desaparecimento destes testemunhos. Mesmo assim, a história de Juan Ponce de León está entre aquelas que resistiram às adversidades das navegações, vindo a se tornar o mais célebre e difundido relato sobre a busca pela fonte da juventude. É certo que o primeiro governador de Porto Rico já conhecia sobre a fonte antes mesmo de se empenhar em encontrá-la, pois tal lenda era comum entre os colonizadores e os nativos da ilha. A lenda indígena viera apenas endossar velha tradição erudita sobre a existência, em alguma parte do orbe, de uma fonte dotada daquelas propriedades<sup>2</sup>.

Em 1512, Ponce de León organizou e liderou uma expedição composta por dois navios bem equipados que tinha como objetivo encontrar a fonte, bem como um rio de propriedades semelhantes, que nessa época acreditava-se estar localizada na ilha de Bimini, nas Bahamas. Como resultado, Ponce de León não descobriu nem a fonte nem o rio, embora

---

<sup>1</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985, p. 20.

<sup>2</sup> HOLANDA, Op.cit., 1985, p. 21.



tenha sido o primeiro europeu a chegar à Flórida, batizada assim por ele mesmo e inicialmente considerada como sendo uma ilha. De lá, Ponce de León retornou para Porto Rico e depois viajou até Castela, tencionando pedir ao rei Fernando II de Aragão que o tornasse governador também do território recém-descoberto. Não se conhece o relato de viagem apresentado por Ponce de León ao rei e é possível que os planos de encontrar a fonte da juventude tenham sido abandonados após o recebimento de patentes e capitulações.

Dois historiadores espanhóis do século XVI corroboram a versão de que foi o mito da fonte da juventude que impulsionou a expedição de Ponce de León: Gonzalo Fernández de Oviedo y Valdés em seu livro *Historia General y Natural de las Indias* de 1535 e Francisco López de Gómara em seu livro *Historia General de las Indias* de 1551. Contudo, os historiadores da atualidade consideram está história como sendo nada mais que uma versão apócrifa de um episódio da vida de Ponce de León, interpretando sua expedição como um empreendimento realizado em decorrência do expansionismo do Império Espanhol e sua necessidade de metais preciosos para alimentar sua economia bulionista. Mas a fonte da juventude não era a única fonte presente no imaginário da época.

Durante o início da Era das Navegações era comum que os relatos sobre a fonte da juventude na América a localizassem na Flórida ou na região circunvizinha do Caribe, sem que seu local de existência ultrapassasse em muito esta área. Não faltou, é certo, quem tentasse situar em outras partes do hemisfério mananciais que, dotados de propriedades bem diversas das suas, se distinguiam por certas virtudes invulgares<sup>3</sup>. O soldado espanhol Bernardo de Vargas Machuca descreve algumas delas em seu livro *Milícia y Descripción de las Indias*: A água de uma fonte em Musso se transformava em tinta preta quando expostas ao sol e aí podia ser usada para escrever. Outra, no Peru, em vez de água jorrava piche, que era usado para alcatroar os navios da armada espanhola. Já no Nicarágua existia uma fonte cujas águas eram ácidas o suficiente para dissolver a carne de homens e animais. E também havia uma na Nova Espanha que transformava madeira em pedra.

O mito da fonte da juventude, apesar de existir em lugares diferentes, em tempos diferentes e por isso mesmo sofrer a influência de culturas diferentes, conseguiu preservar seus traços mais característicos, mantendo-se mais ou menos a mesma desde seus primeiros relatos. O mesmo aconteceu com o mito das amazonas. Originária da mitologia grega, essa raça de mulheres que viviam sem homens – uma característica presente na grande maioria das

---

<sup>3</sup> HOLANDA, Op.cit., 1985, p. 22.

variações da lenda – vivia na Cítia, região localizada na atual Ucrânia, conforme nos informa Heródoto em seus escritos. Outros historiadores, contudo, já apontaram a Anatólia, a Líbia e a Índia como possíveis locais de existência das Amazonas, com outros ainda associando-as com o Império Romano.

Marco Polo menciona em seus relatos de viagem uma ilha nos mares orientais – a ilha *Femelle* – habitada só por mulheres que eram engravidadas por homens que vinham em determinada época do ano de outra ilha – a ilha *Male* – apenas para este fim. A idéia de que as Amazonas se relacionavam com homens de outros lugares já existia na mitologia grega, onde era usada para explicar a origem de diversos povos. Uma vez que tais relatos já começavam a aparecer na América, não demorou para que as Amazonas fossem integradas ao rol de seres fantásticos que habitavam as terras incógnitas. Continentais, em sua origem, estas irão mudar-se aos poucos para as ilhas de mistério, assim como o próprio paraíso e, em parte, a fonte da Juventa, que brota de Bimini<sup>4</sup>.

O livro *Historia rerum ubique gestarum*, de autoria do Papa Pio II, é uma prova desta mudança de geografia, pois, já em 1477, ele coloca a localização do reino das Amazonas numa ilha. Cristóvão Colombo, que interpretava as lendas antilhanas sobre tribos de mulheres guerreiras de acordo com os trabalhos dos autores da Antigüidade e dos geógrafos da Idade Média, concordava que as Amazonas viviam numa ilha, desconfiando que elas se encontrassem naquele mesmo arquipélago, e tendo inclusive sublinhado no seu exemplar de *Historia rerum ubique gestarum* a passagem que afirma o caráter insular delas. O próprio Colombo mais tarde escreveria sobre a ilha de Matinió, a atual Martinica, onde acontecia o mesmo que na história de Marco Polo, com a diferença de que os homens desta ilha eram gentios, diferentemente dos cristãos que habitavam a ilha *Male*.

E ainda havia muitos outros relatos sobre as Amazonas: O geógrafo, escritor e marinheiro italiano Antonio Pigafetta, integrante da armada de Fernão de Magalhães, recolheu informações sobre uma ilha chamada Ocoloro, que diziam ficar próxima de Java e ser habitada somente por mulheres. Estas, ao contrário das descritas por Marco Polo e Cristóvão Colombo, eram muito menos românticas. E tão esquivas se mostravam à conversação amorosa que, se algum homem ousasse desembarcar em sua ilha, pelejavam por tirar-lhe a vida<sup>5</sup>. Tal independência dos homens é levada ao extremo: Pigafetta relata em *Relazione Del Primo Viaggio intorno al Mondo* que essas mulheres eram engravidadas pelo vento. Diz

---

<sup>4</sup> HOLANDA, op.cit., 1985, p. 24.

<sup>5</sup> HOLANDA, op.cit., 1985, p. 25.



Pigafetta das de Ocoloro que, dando à luz algum filho, matavam-no se fosse macho e, se fosse mulher, conservavam-na consigo<sup>6</sup>.

É interessante notar que com o tempo as amazonas começam a ganhar contornos mais ameaçadores, inspirando medo e representando perigo de vida para os navegadores, se aproximando assim do comportamento “sofisticadamente selvagem” que suas representações tem na atualidade. A lenda também foi relatada na Colômbia, no Paraguai, no Equador e em outros locais da América do Sul. Assim é que, durante a conquista do Chile, a gente de Pedro de Valdivia é informada de sua presença nas partes do Sul, a par de muitas outras maravilhas<sup>7</sup>. Nesse caso, a presença das amazonas foi encarada de forma positiva, pois se acreditava que isso significava que também havia presença de ouro em abundância na região. Acabou de que os homens do conquistador espanhol Valdivia não encontraram nem ouro nem amazonas. Contudo, a suspeita de que essas mulheres detinham grande quantidade de riqueza mineral em seu reino continuou, conforme sustentava o missionário espanhol Cristóbal de Acuña em seu livro *Nuevo Descubrimiento Del Gran rio de las Amazonas* de 1641.

Na verdade, até mesmo na América do Norte o mito se fazia conhecer. Já durante o segundo decênio dos Quinhentos, quando Juan de Grijalva prepara sua expedição do Iucatã, diz-se dessa região que é habitada de uma casta de amazonas<sup>8</sup>. Mas o mais famoso episódio de encontro com as amazonas provém da expedição que o conquistador espanhol Francisco de Orellana empreendeu em 1541 em busca do – agora sabidamente imaginário – País da Canela. Orellana e seus companheiros foram avisados pelos indígenas da existência de ouro e de amazonas no “Rio da Canela”, ambos em grandes quantidades. Foi, aparentemente, após atravessar a foz do rio Madeira que a expedição teve contato – violento – com as amazonas. Essa bondade da terra não impediu que uma tremenda refrega e a mais perigosa em que se meteram durante toda a viagem, saudasse ali aos homens de Orellana<sup>9</sup>.

Além da tribo de mulheres guerreira, também lutavam ao lado dela indígenas que pareciam ser seus tributários. O missionário dominicano e cronista da viagem, frei Gaspar de Carvajal, admirou-se com a fúria com a qual as amazonas combatiam os homens de Orellana, bem como a crueldade empregada no tratamento despendido aos índios desertores, que eram mortos a pauladas. Em *Relación del nuevo descubrimiento del famoso rio Grande que*

<sup>6</sup> HOLANDA, Ibidem, 1985.

<sup>7</sup> HOLANDA, op.cit., 1985, p. 25.

<sup>8</sup> HOLANDA, Ibidem, 1985, p. 25.

<sup>9</sup> HOLANDA, op.cit., 1985, p. 27.



*descubrió por muy gran aventura el capitán Francisco de Orellana*, frei Carvajal descreve as amazonas como possuindo pele branca e longos cabelos trançados, além de serem altas e musculosas. Andavam nuas, mas cobriam a área genital. Em combate, cada uma delas equivalia a dez homens.

Apesar de tamanha desvantagem, Orellana e seus homens conseguiram sair vitoriosos, mas não sem muitas baixas. Só se acalmou finalmente a peleja quando puderam os companheiros de Orellana matar a maior parte delas, o que fizeram com grande trabalho<sup>10</sup>. Estes acontecimentos foram narrados pelo próprio Francisco de Orellana ao rei Carlos V que, inspirado pelo mito grego das amazonas, rebatizou o “rio da Canela” de rio Amazonas. De acordo com os mitos amazônicos, as guerreiras encontradas pela expedição eram as Icamiabas, cuja história é por demais semelhante a das amazonas. Inclusive com uma detalhe que remete a Marco Polo e Colombo: A presença de uma tribo composta só por homens – os Guacaris – que as visitavam uma vez por ano com fins reprodutivos. Os historiadores atuais não aceitam este relato carregado de elementos fantásticos como sendo verídico, cogitando a hipótese de que a expedição de Orellana na verdade encontrou uma tribo indígena onde os homens se encontravam ausentes e a partir daí aumentou a história, talvez já estando influenciada por outros relatos semelhantes.

Tamanha será a longevidade desse velho mito no novo quadro geográfico onde afinal se instalou, que sábios ilustres não se cansarão, ainda em fins do Setecentos, de indagar, nas suas andanças entre as tribos comarcas, do paradeiro das animosas guerreiras<sup>11</sup>. De fato, os relatos sobre as amazonas continuaram, como na expedição do naturalista francês Charles de La Condamine ao Rio Negro em 1745 ou no caso de uma estátua de pedra que foi atribuída as amazonas pelo também naturalista francês Francis de Laporte e que depois se descobriu se tratar de uma fraude. Não é difícil imaginar o efeito que mitos como o das amazonas tinham sobre navegadores. Num primeiro momento causavam terror, especialmente se os relatos fossem semelhantes ao do frei Carvajal. Depois causavam fascínio, em parte pelo simples fato de que tais seres fantásticos estivessem habitando estas novas terras. Mas as amazonas não eram as únicas a atemorizar aqueles que adentravam nas, até então, terras incógnitas.

De acordo com as expectativas européias, existia toda uma relação de monstruosidades – marinhas e terrestres – que assombravam a América. A maioria provinha da mitologia medieval, embora algumas delas fossem mais antigas, originárias da mitologia

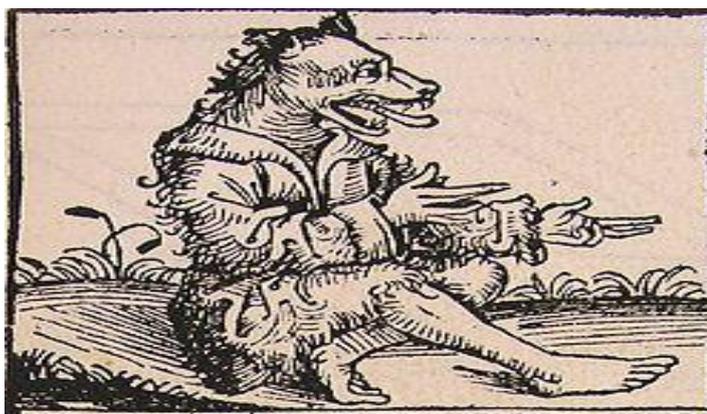
---

<sup>10</sup> HOLANDA, op.cit., 1985, p. 27.

<sup>11</sup> HOLANDA, op.cit., 1985, p. 26.

greco-romana. E havia ainda aquelas que eram fruto de exageros por partes dos exploradores, que preenchiam as lacunas existentes no seu conhecimento sobre as terras que desbravavam com explicações influenciadas por toda sorte de conceitos, ultrapassados hoje, mas tangíveis à época. Desse bestiário, os integrantes mais famosos eram os cinocéfalos, os monoculi (ou monópodes) e os Blemmyae, embora existissem muitos outros. A já mencionada carta de Preste João lista, além das três espécies anteriores, ciclopes, centauros, faunos, sátiros, pigmeus, gigantes e até mesmo a Fênix dos gregos como alguns dos habitantes das terras recém-descobertas.

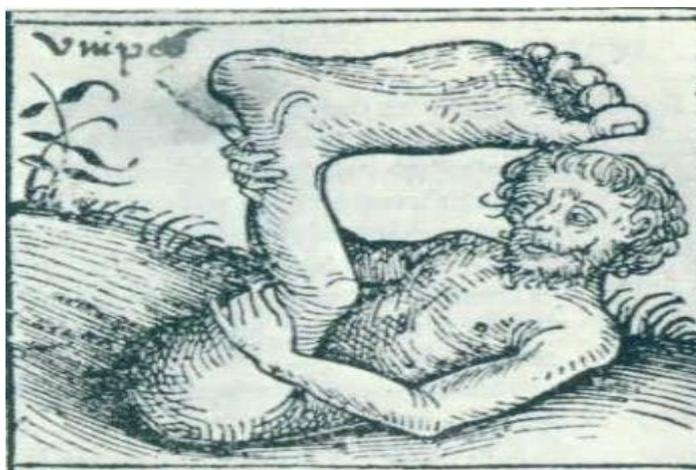
Os cinocéfalos eram criaturas com cabeça de cão e corpo de homem. Provavelmente originários do antigo Egito, onde dois deuses com cabeça de chacal e cão, Anúbis e Hapi respectivamente, integravam o panteão, os cinocéfalos também eram conhecidos na Grécia antiga. O médico Ctésias acreditava que eles viviam na Índia, assim como o geógrafo Megástenes, que fala sobre uma raça de homens com cabeça de cão, caçadores que habitavam as montanhas, vestiam as peles de suas presas e se comunicavam através de latidos. Com o passar do tempo, os cinocéfalos se integraram ao imaginário medieval, influenciando o pensamento dos navegadores, tanto que Marco Polo, em seu *Livres des merveilles du monde* de 1300, menciona a existência de bárbaros providos de cinocefalia. Depois disso não demorou para que os cinocéfalos começassem a fazer parte dos mitos ibéricos à respeito do Novo Mundo, aparecendo, junto com os Blemmyae, nas ilustrações do livro *Cosmographia*, escrito pelo cartógrafo alemão Sebastian Münster e publicado em 1544.



“Sem Título”. FONTE – *Liber Chronicarum*, de 1493.

Seres de aparência humanóide, os monoculi possuem apenas uma perna centralizada no meio do corpo e que termina num pé gigantesco. São originários da mitologia grega, sendo

mencionados na peça *Ornithes*, escrita por Aristófanes e encenada pela primeira vez no ano de 414 antes de Cristo. Sua trajetória foi semelhante à dos cinocéfalos, visto que seu mito sobreviveu até a idade média (são mencionados na compilação *Etymologiae* de Santo Isidoro de Sevilha) e depois foi incluído no imaginário ibérico, onde se dizia que os Monoculi eram perigosos e muito rápidos. Também aparecem em algumas das ilustrações do *Cosmographia* e no livro de Santo Agostinho, *De Civitate Dei contra Paganos*, onde também podem ser encontrados os cinocéfalos.



“Sem Título”. FONTE – *Liber Chronicarum*, de 1493.

Os *Blemmyae* tinham corpos iguais aos dos seres humanos. A diferença estava na sua cabeça: não a tinham, sendo que seus rostos se localizavam no peito. Eram tidos como comedores de carne humana e acredita-se que seu mito tenha surgido ainda na idade antiga, quando o Império Romano entrou em contato com uma tribo nômade que vivia ao sul do Egito num lugar não especificado nos relatos, embora lugares como Núbia, Cuche e Etiópia já tenham sido apontados como os prováveis locais de habitação dessa tribo, que estes mesmos pesquisadores acreditam ser o povo Beja. Dizem os estudos históricos que os Bejas foram ficcionalizados pelos romanos até que o resultado fossem os Blemmyae. Mais uma vez, o mito perdurou até o período medieval e além, de forma que a tragédia *Othello* de William Shakespeare contém referências a ele. Ainda em 1436, o mapa de Andrèa Bianco, provavelmente conhecido de Colombo, mostra, ao lado do Paraíso, numa península projetada do oriente da Ásia, homens sem cabeça e com os olhos e a boca no peito<sup>12</sup>.

<sup>12</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985, p. 18.



“Sem Título”. FONTE – *Liber Chronicarum*, de 1493.

Serpentes marinhas gigantes, homens com dois rostos, homens-macaco, índios canibais (estes comprovadamente verdadeiros), insetos monstruosos e até mesmo criaturas que se assemelham a dinossauros eram outras das criaturas que se acreditava aterrorizarem o Novo Mundo. Elas faziam parte da cultura das conquistas ibéricas, uma vez que, ao contrário da impressão que tantos relatos escritos possam vir a causar, tais monstruosidades também figuravam em outros meios, como as pinturas, sendo os quadros do viajante holandês Johan Nieuhof um celebrado exemplo dessa constatação. Entretanto, por mais extraordinária que uma criatura possa ser, nenhuma delas se compara ao mito que certamente foi o mais popular nessa época, de forma que ele é o único que resiste até os dias de hoje.



“Sem Título”. FONTE – *Fischbuch*, de 1598.



“Sem Título”. FONTE – *Gedenkweerdige Brasiliense zee-en lantreize*, de 1682.

Originário do Tanakah, o livro sagrado do judaísmo, também conhecido como Antigo Testamento, o Jardim do Éden povoa a imaginação da humanidade desde antes da unificação das doze tribos de Israel. Primeiro entre os hebreus, o surgimento posterior do cristianismo e do islamismo só contribuiu para difundir mundialmente esta história. O que a torna diferente das outras é que nesse caso é o próprio ambiente que representa o fantástico: a fauna, a flora, a geografia e a hidrografia – tudo remete aos primeiros dias da criação e ganha ares sobrenaturais. Durante a idade média, as representações artísticas do Jardim do Éden sofrem influência da cultura da Grécia antiga, como os mitos da Era Dourada e do Jardim das Hespérides, transformando-o numa versão híbrida de mito hebreu com características pagãs.

E é justamente esta versão que estará presente nos mitos ibéricos que irão impulsionar os exploradores da Era dos Descobrimentos a se aventurar em terras por eles completamente desconhecidas. Se não fosse assim, seria impossível que o Éden figurasse entre os mitos da conquista, pois um versículo bíblico menciona que o Jardim passou a ser guardado por uma espada flamejante que o contornava. Dessa espécie de ilusão original, que pode canonizar a cobiça e banir o labor continuado e monótono, haveriam de partilhar indiferentemente os povoadores de toda a nossa América hispânica, lusitanos, não menos que castelhanos<sup>13</sup>. Mas engana-se quem pensa que o Jardim do Éden não passava apenas de uma desculpa oportuna para justificar a cobiça materialista por parte dos próprios exploradores.

<sup>13</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985, p. XII.

Denotaria também uma vontade de começar de novo, uma nostálgica ambição de reviver a beatitude e exaltação criadora das origens, em suma como uma saudade do Éden<sup>14</sup>.

Segundo os navegadores, os rios Prata, Amazonas, Madalena e Orenoco eram, respectivamente, os quatro braços do rio que nascia no Éden: Fison, Gion, Tigre e Eufrates. O fato de que a Bíblia explicita claramente que tais braços se localizavam no oriente médio não representava nenhum tipo de barreira para estas associações. Não custa muito ao autor ajustar seu achado às indicações da Bíblia<sup>15</sup>. Além disso, como já foi dito, era de um Éden híbrido que se falava. De forma semelhante, o fruto da árvore da ciência do bem e do mal, erroneamente identificado com a maçã, passou a ser o maracujá, pois se reconhecia em sua flor as insígnias da Paixão do Senhor. Além disso, a localização do Jardim do Éden na América não contrariava os tratados medievais sobre o tema.

Analisando esses tratados fica evidente que o Éden era entendido como sendo concreto e pertencente a este mundo, em oposição aos estudos que o interpretavam como uma metáfora para algo maior ou como uma localidade de natureza metafísica. E assim também o era para Colombo, que acreditava que a Divina Providência o tinha guiado até as “novas Índias” e que ali ele encontraria o paraíso terreal. O poder desse mito residia no fato de que tudo que dele partisse era um dom divino: a própria vida seria assim, de forma diametralmente oposta ao desgaste e as dificuldades existentes na vida comum que se levava na Europa. Só a natureza dessas terras recém-descobertas já era suficiente para criar tais expectativas, embora fosse certo de que antes muitos obstáculos teriam que ser ultrapassados. É nesse ponto que as monstruosidades se conectam com o Jardim do Éden: tais seres eram interpretados como significando um aviso de Deus para que em nenhum momento o homem se contaminasse pela soberba e abandonasse a busca pela salvação eterna.

A história de Aleixo Garcia não começa com ele propriamente, e sim com Juan Diaz de Solís, o piloto-mor da armada castelhana. No ano de 1512, o rei Fernando, O Católico designou Solís para comandar uma expedição que deveria encontrar uma passagem marítima que desse acesso ao Oriente localizada na região sul da então descoberta América. Visando o comércio de mercadorias, Fernando desejava que tal expedição se sucedesse sem o conhecimento da Coroa portuguesa. Foram só três anos depois que as duas galés e uma caravela comandadas por Solís deram início a viagem, cuja uma das escalas incluiu uma ilha no litoral catarinense que era denominada de Meiembipe pelos indígenas locais. Significando

---

<sup>14</sup> HOLANDA, *ibidem*, 1985, p. XVII.

<sup>15</sup> *Ibidem*.



“coisa erguida ao longo da água”, esta ilha seria, mais tarde, batizada de Nossa Senhora do Desterro e, mais tarde ainda, de Florianópolis. Uma das hipóteses é que tenha ancorado a pequena distância da atual Praia de Canasvieiras<sup>16</sup>. Mas a história de Aleixo Garcia só começaria a ser escrita numa outra escala realizada pela expedição.

Solís passava pela ilha de Martín García, hoje território argentino, onde decidiu desembarcar. Acompanhado de mais oito homens, o pequeno grupo de Solís foi cercado e atacado por índios – guaranis ou charruas, as opiniões são divergentes – sendo posteriormente assado e comido pelos mesmos, segundo relato do historiador espanhol Antonio de Herrera y Tordesillas. Depois desse imprevisto, a expedição iniciou seu retorno à Castela, de forma que duas das três naus chegaram primeiro a Meiembipe e então prosseguiram viagem, deixando o um terço restante do grupo para trás. E é justamente essa galé atrasada, onde se encontra Aleixo Garcia, que irá naufragar, por motivos obscuros, embora uma tempestade seja a explicação mais comum, num ponto perto da futura capital de Santa Catarina. Obviamente, Aleixo estará entre os sobreviventes do naufrágio. Depois de nadarem até a terra mais próxima e serem recolhidos pelos indígenas, esses marinheiros, marcados pela sorte, viriam a ser os primeiros habitantes europeus de toda Santa Catarina<sup>17</sup>

Passado o choque inicial, o medo certamente se apoderou de Aleixo Garcia e não é exagero imaginar que as monstruosidades devam ter lhe ocorrido em pensamento, como se não bastassem as adversidades marítimas e terrestres que a natureza oferecia. Embora célebre, ainda que mais no resto da América do Sul do que no Brasil, Aleixo não foi o primeiro nem o último a aportar dessa maneira nas terras catarinenses. Sendo estas um ponto de passagem para as embarcações que se dirigiam para o sul do continente, não era incomum que os sobreviventes de embarcações que foram a pique tentassem chegar as praias do estado. Náufragos foram os mais assíduos freqüentadores destas terras<sup>18</sup>.

Aleixo Garcia, então, escolheu, entre as duas alternativas que lhe eram oferecidas, continuar vivendo, dependendo para isso inteiramente dos índios. Seria impossível para os náufragos sobreviverem sem se integrarem a sociedade dos carijós, no caso, os indígenas que os recolheram a ocasião da chegada à praia. Aquela população provavelmente via a chegada de europeus como mais uma possibilidade para adquirir alguns instrumentos tecnológicos

---

<sup>16</sup> BOND, op.cit., 1998, p. 17.

<sup>17</sup> BOND, op.cit, 1998, p. 20.

<sup>18</sup> LOHN, Reinaldo Lindolfo. “O naufrago e o sonho: Aleixo Garcia e o imaginário da conquista” In: \_\_\_\_\_. *História de Santa Catarina: Séculos XVI a XIX*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2004, p. 29.

muito úteis, principalmente aqueles feitos de ferro, capazes de facilitar o corte de madeira, a agricultura e mesmo a defesa<sup>19</sup>.

Aleixo Garcia não buscava trazer metais, e sim buscar metais, embora suas idéias sobre a preciosidade de certos tipos de metais diferisse das dos índios. O que é certo, entretanto, é que Aleixo e seus companheiros passaram a viver com os carijós, aprendendo a sua língua, o guarani, e os seus costumes. Do grupo dos nove, Aleixo Garcia logo se destacou na relação cotidiana com os indígenas, obtendo sua admiração<sup>20</sup>. Nota-se aí uma inversão de valores muito comumente perpetuados por certas correntes da historiografia brasileira, que colocam os indígenas como sendo vítimas de uma imposição cultural unilateral por parte dos colonizadores portugueses, muitas vezes transformando as tribos que aqui viviam em meros grupos de bonecos sem vontade própria. É claro que tal imposição aconteceu, mas é oportuno aprender com a história de Aleixo Garcia que ela se deu por uma questão de superioridade tecnológica dos portugueses e não por questão de inocência natural dos índios.

Os náufragos conviveram por cerca de seis anos com os carijós até que se iniciasse a expedição que percorreria o Peabiru. Embora os motivos sejam obscuros, acredita-se que em algum momento desses seis anos Aleixo Garcia tomou conhecimento de que existia um caminho que terminava numa terra montanhosa onde existia uma civilização governada por um imperador de pele clara e possuidora de uma grande quantidade de metais que reluziam. Não só os carijós conheciam este caminho e esta civilização, como também estavam de posse de algumas peças desse metal reluzente, que foram mostradas para Aleixo como uma prova de que a história era de fato verdadeira. Eram peças de prata, prata legítima, constatou o português<sup>21</sup>. Pode-se imaginar o efeito que essa notícia teve sobre aquele que agora já era chamado por seus companheiros nativos de “caraíba”. Desde a chegada de Colombo, a obsessão por encontrar o reino de Eldorado havia alimentado as esperanças de inúmeros conquistadores<sup>22</sup>. E é certo que Aleixo Garcia conhecia o mito, assim como é certo que o mito teve influência, por mínima que fosse, embora se acredite que na verdade a influência foi gigantesca, na sua decisão de empreender uma jornada para encontrar a tal civilização – e sua prata. A esperança de enriquecimento rápido oferecia um motivo suficiente para continuar sobrevivendo e lutando contra todas as adversidades num lugar totalmente estranho<sup>23</sup>.

---

<sup>19</sup> LOHN, op.cit, 2004, p. 33.

<sup>20</sup> BOND, op.cit., 1998, p. 23.

<sup>21</sup> BOND, op.cit., 1998, p. 25.

<sup>22</sup> LOHN, op.cit., 2004, p. 34.

<sup>23</sup> LOHN, Ibidem, 2004, p. 34.



O que se pretende dizendo que Aleixo Garcia foi motivado pelo mito de Eldorado não é com isso justificar as atitudes dos portugueses e espanhóis que, algum tempo depois, conquistaram a América – e junto com ela os povos que aqui viviam, mas sim mostrar como tanto o mito quanto a riqueza exerceram influência nas suas concepções e atitudes. Tais influências não se separavam, como já foi mostrado, de forma que uma complementava a outra, injetando uma dose de realidade no mito e revestindo a realidade com uma camada fantástica, de maneira que o sobrenatural das histórias se tornasse plausível e a realidade das explorações se tornasse mítica, inspirando e legitimando um processo que – concorde-se ou não com a conduta dos exploradores – foi longo e penoso. Uma forma fácil de demonstrar isso é dizer que um mito sobre uma cidade feita de ouro só teria efeito sobre um homem se este viesse de uma sociedade que valoriza o ouro enquanto riqueza material. Neste processo, o Eldorado era objetivo e a obsessão, podendo inclusive justificar ousadias como a de Garcia<sup>24</sup>.

Duas questões são comumente levantadas a esta altura da história. Sabe-se que os portugueses eram menos suscetíveis a serem influenciados por mitos do que os espanhóis. A atração pelo exótico e por idealizações prodigiosas não era encontrada com frequência nos relatos de viagem portugueses<sup>25</sup>. Teria mesmo Aleixo Garcia, um português nascido no Alentejo, sido influenciado pelo mito do Eldorado? Todas as questões sobre este náufrago suscitam debates, mas parece oportuno lembrar que Aleixo Garcia estava trabalhando sob a égide da Coroa de Castela. E, retornando aos carijós, como poderiam eles conhecer não só o caminho, mas também a civilização? A resposta é relativamente simples. Acontece que os carijós do Paraguai e outros grupos guaranis faziam *entradas* aos Andes há centenas de anos<sup>26</sup>. Não seria demais imaginar que o contato entre essas comunidades que pertenciam à mesma tribo embora vivessem em lugares diferentes tivesse ensinado aos carijós catarinenses tudo aquilo que eles próprios ensinariam a Aleixo Garcia posteriormente. Mas não eram apenas os europeus que tinham mitos sobre paraísos aqui mesmo na Terra.

A existência de um local de natureza mística, a Terra Sem Mal, era acreditada por diversos povos indígenas que viviam no litoral do Brasil. Nesta local que se parece com o mito europeu do País da Cocanha, tudo era uma dádiva da natureza, a abundância era a regra e a juventude um estilo de vida. O Peabiru e, de certa forma, Aleixo Garcia também tinham haver com esse paraíso saído da mitologia dos índios. Diversos autores presumem que o

---

<sup>24</sup> LOHN, Op.cit., 2004, p. 39.

<sup>25</sup> LOHN, Reinaldo Op.cit., 2004, p. 38.

<sup>26</sup> BOND, Op.cit., 1998, p. 28.

Peabiru era considerado um caminho sagrado porque, através dele, os guaranis tentaram chegar à Terra Sem Mal que ficaria no Atlântico<sup>27</sup>. Também havia outro detalhe. Ao que parece, pressupunha a liderança de uma figura especial que guiasse o povo até lá<sup>28</sup>. Isso permanece como uma conjectura, mas a idéia de que Aleixo Garcia assumiu esta liderança não soa absurda. A visão edênica européia sobre as novas terras encontrava parceria possível na mitologia indígena e o Eldorado ganhava uma cartografia muito mais precisa do que se pudera imaginar até então<sup>29</sup>. Agora, três anos antes de sua morte, Aleixo Garcia estava decidido que, se havia mesmo um Eldorado em algum lugar dos Andes, seria ele o primeiro europeu a encontrá-lo.

A caravana partiu de Meimbipe em 1522. Reunia muitos carijós, entre eles mulheres e crianças, e mais quatro europeus: Francisco Chavez, Francisco Pacheco, Alejo Ledesma e Francisco Fernandez, todos eles companheiros de naufrágio, embora algumas fontes substituam Fernandez por Duarte Perez. Além, é claro, do próprio Aleixo Garcia no comando. Ficaram na ilha Henrique Montes, Melchor Ramirez, Gonçalo da Costa e um quarto homem que pode ser ou Francisco Fernandez ou Duarte Perez.

Rumando para o norte, passaram pela atual cidade de São Francisco do Sul e penetraram no Peabiru pelo rio Itapocu. Subiram a serra, cruzaram o rio Iguaçu e aí entraram no atual estado do Paraná. Indo pelo rio Tibagi e atravessando os rios Ivaí e Cantu, a caravana cruzou o rio Piquiri e finalmente alcançou o rio Paraná, já nas proximidades da fronteira do Paraguai. Dali subiu pelo rio Iguatemi e mais tarde encontrou o rio Paraguai, indo por ele até chegar à região de Itatim, onde se localizam as fronteiras atuais do Mato Grosso do Sul, do Paraguai e da Bolívia.

No Itatim, Garcia conseguiu recrutar mais índios para seu ousado empreendimento, os quais, unidos aos carijós catarinenses, somaram aproximadamente duas mil pessoas<sup>30</sup>. A caravana penetra na Bolívia, travando contato com numerosas tribos, entre elas os mbayaes, os chanés, os payzunes e os corocotoquis. A irrupção daquele numeroso grupo de carijós e itatins, liderados por um surpreendente homem de pele branca, espécime nunca visto naquelas terras, provocou estupefação e alarma nas tribos andinas<sup>31</sup>.

---

<sup>27</sup> BOND, Op.cit., 1998, p. 35.

<sup>28</sup> LOHN, Op.cit., 2004, p. 40.

<sup>29</sup> LOHN, Op.cit., 2004, p. 40.

<sup>30</sup> BOND, Op.cit., 1998, p. 43.

<sup>31</sup> BOND, Op.cit., 1998, p. 44.



Estas numerosas tribos apresentaram resistência aos ataques da caravana de Aleixo Garcia, de maneira que as duas partes acabaram guerreando. Os saques foram bem sucedidos, pois a caravana conseguiu roubar roupas finas, bem como diversos utensílios de prata, tais como copos, taças, vasilhas e coroas. Contudo, as tribos conseguiram avisar Cuzco, a capital do império Inca, nesse momento governado por seu penúltimo imperador antes da conquista realizada por Francisco Pizarro em 1533, Huayna Cápac, sobre a caravana que tinha atacado-as. A pronta reação dos incas frente às notícias levadas a Cuzco a respeito da invasão do estranho ser de pele clara, fez com que Aleixo Garcia decidisse fugir imediatamente dos Andes<sup>32</sup>. Durante sua incursão andina, Aleixo esteve perto do cerro de Potosí, que já era de conhecimento dos incas e denominado por eles de Sumaj Urqo. Alguns pesquisadores defendem a teoria de que ele foi o primeiro europeu a ter a oportunidade de avistar tal lugar, visto que um registro oficial de presença europeia ali, no caso, de espanhóis, só foi apresentado 21 anos depois.

E foi nas proximidades do cerro de Potosí que as tropas incas localizaram Aleixo Garcia e sua caravana, o que obrigou com que batessem em retirada, sem poder, entretanto fazer uso do Peabiru para isso, já que o mesmo se encontrava cercado por várias tribos que também integravam o império Inca. Supõe-se que a caravana tenha escolhido a rota alternativa que vai pelo rio Pilcomayo até chegar, através do rio Paraguai, nas proximidades de Assunção. Além do peso dos metais e dos ataques sofridos, outro fator que fez o retorno de Aleixo Garcia lento e difícil foi o alto número de pessoas que integravam a expedição<sup>33</sup>.

Após a travessia do rio Paraguai, Aleixo envia uma fração do seu tesouro a Meimbipe, junto com algumas cartas para os seus companheiros que ali permaneceram. Feito isso, a caravana caminhou até algum lugar próximo do rio Ipané, já em território paraguaio, e levantou um acampamento. Certamente, o objetivo de Aleixo Garcia, ao não retornar a Santa Catarina, permanecendo no Paraguai, era efetivar uma nova ofensiva às enormes riquezas que encontrara no império incaico<sup>34</sup>. Objetivo esse que lhe custou caro.

Os relatos são obscuros e só o que se sabe é que Aleixo Garcia foi morto durante um ataque perpetrado contra o acampamento. Aqui os relatos divergem: a primeira teoria assegura que os perpetradores do ataque foram os índios paiaguás, com o objetivo de subtrair as riquezas subtraídas por Aleixo. Já a segunda teoria aposta num motim organizados pelos

---

<sup>32</sup> BOND, Op.cit., 1998, p. 45.

<sup>33</sup> BOND, Op.cit., 1998, p. 50.

<sup>34</sup> BOND, Op.cit., 1998, p. 52.

carijós que integravam a própria caravana, objetivando o mesmo que os paiaguás. Nenhuma das duas teorias é completamente consistente, embora a primeira pareça mais plausível. E nos faz enveredar por uma outra dúvida: Que papel tiveram os acompanhantes brancos de Garcia naquela noite do ataque?<sup>35</sup>

O fato de que apenas Francisco Fernandez (ou Duarte Perez) foi morto contribui para que se levantem suspeitas a respeito da fidelidade dos companheiros europeus de Aleixo Garcia. Mais estranho é o caso de um deles, Alejo Ledesma, que chegou, algum tempo depois, no rio Bermejo e carregando peças de prata. Mais tarde, Ledesma e Francisco Pacheco seriam assassinados por índios que talvez desejassem as riquezas que eles transportavam consigo. Assim, as únicas pessoas não-índias da expedição de Garcia que permaneceram vivas foram o menino Aleixo Garcia Filho e Francisco Chavez<sup>36</sup>.

Mas o legado da expedição não morreu junto com seu líder. A aventura de Aleixo Garcia teve grande influência na história da conquista da América do Sul até a primeira metade do século XVI<sup>37</sup>. Expedições como as de Sebastião Caboto e Diego Garcia de Moguer eram patrocinadas pelas coroas de Portugal e Espanha visando descobrir o “caminho de Garcia” e as riquezas que eram prometidas estarem no final dele. Todas fracassaram, inclusive aquela que teve como seu líder um dos nomes mais famosos da história desse período, Álvaro Núñez Cabeza de Vaca. O *adelantado* do Paraguai, além de colonizar esse domínio, também foi incumbido de encontrar o famoso caminho. Cabeza de Vaca, talvez intencionalmente, tentou repetir, passo a passo, desde o início, a aventura do náufrago de Solís<sup>38</sup>. Os detalhes da empreitada foram mais tarde compilados pelo próprio Cabeza de Vaca na obra *Naufragios*, de 1542. Embora em nenhum momento o *adelantado* tenha admitido, claramente, que procurava as riquezas descobertas por Garcia, diversas passagens de seu livro revelam limpidamente sua verdadeira intenção<sup>39</sup>. Ainda sobre o legado de Aleixo Garcia, pode-se apontar a descoberta pelos europeus do Peabiru, o desbravamento dos estados do Paraná e do Mato Grosso, além do início de um ciclo que durou cerca de vinte anos e onde se realizou expedições como as já mencionadas, além de várias outras, como as de Jorge Sedeño, Francisco Chavez e Juan de Ayolas.

---

<sup>35</sup> BOND, Op.cit., 1998, p. 55.

<sup>36</sup> BOND, op.cit.,1998, p. 55.

<sup>37</sup> BOND, op.cit.,1998, p. 69.

<sup>38</sup> BOND, op.cit.,1998, p. 79.

<sup>39</sup> BOND, op.cit.,1998, p. 80.

A mitologia nunca deixou de influenciar a vida humana. Alguns grupos ateístas da atualidade classificam as religiões como sendo mitologias que sobreviveram até a atualidade e – estejam eles corretos ou não – é inegável o papel que as crenças contidas nessas religiões exercem nas vidas das pessoas que delas compartilham. E assim também acontecia na Era dos Descobrimentos, onde muito do que hoje classificamos como mitos era percebido como sendo real, integrando o catolicismo, religião dominante entre os portugueses e espanhóis, e influenciando nos pensamentos e decisões de quem nela acreditava. Posto de outra forma, pode-se dizer que pouca coisa mudou nestes praticamente seiscentos anos que separam a atualidade da época estudada. Alguns resultados dessa influência perduram até hoje, como o batismo do antigo “rio da Canela” de rio Amazonas em homenagem as mulheres guerreiras originárias da mitologia grega. Outros são um tanto quanto mais subjetivos, como a descoberta da Flórida por Juan Ponce de León enquanto, supostamente, estava buscando pela fonte da juventude. O imaginário, como sistema de representações que legitimam as ações e ordenamentos sociais, não pode ser considerado um campo cultural apartado e específico, dependente de instâncias materiais e políticas<sup>40</sup>. Na verdade, a mitologia sempre esteve presente, até mesmo quando ela é travestida de causas políticas, econômicas e sociais. A imaginação e a produção constante de elementos simbólicos e de imagens são vetores e norteadores tão importantes quanto as relações econômicas<sup>41</sup>.

Aleixo Garcia é uma figura controversa. Não é exagero classificá-lo como um dos personagens lendários da história da América do Sul. Mito ou não, o que importa é que o seu legado persiste, mesmo que isso seja dito com reservas: o Brasil parece não se interessar muito (nem pouco) por sua figura. Os historiadores que o veem como um mito certamente se esquecem de que a história brasileira foi inteiramente construída com base numa série de mitos, personagens cujas contrapartes reais nem de longe lembram suas romantizadas ficcionalizações. Entre muitas podemos citar Zumbi dos Palmares, Aleijadinho, Tiradentes, Dom Pedro I, Dom Pedro II, Santos Dumont e Lampião. Pouco importa se Aleixo Garcia existiu ou não, pois quando se lida com a História tudo que é humano faz parte dos estudos. E mitos também tem origem nas atividades dos homens. Ainda mais quando eles provém de uma época em que o mito e o fato eram indissociáveis, da forma como já foi explicitado

---

<sup>40</sup> LOHN, Reinaldo Lindolfo. “O náufrago e o sonho: Aleixo Garcia e o imaginário da conquista” In: \_\_\_\_\_. *História de Santa Catarina: Séculos XVI a XIX*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2004, p. 31.

<sup>41</sup> LOHN, Reinaldo Lindolfo. “O náufrago e o sonho: Aleixo Garcia e o imaginário da conquista” In: \_\_\_\_\_. *História de Santa Catarina: Séculos XVI a XIX*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2004, p. 31.



Guilherme Raul BlaesePasold - Paraísos, Monstros e Um Náufrago Português: Aleixo Garcia e a Mitologia da Conquista Ibérica (1300 – 1745)

anteriormente. Tendo isso em mente, nada nos impede de conhecer e aceitar a trajetória de Aleixo Garcia.

#### Referências

BOND, Rosana. *A Saga de Aleixo Garcia: O Descobridor do Império Inca*. Florianópolis: Editora Insular, 1998.

BRANCHER, Ana; AREND, Silvia Maria Fávero (org.). *História de Santa Catarina: Séculos XVI a XIX*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2004.

BUENO, Eduardo. *Capitães do Brasil: A Saga dos Primeiros Colonizadores*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

BUENO, Eduardo. *Náufragos, Traficantes e Degredados: As Primeiras Expedições ao Brasil*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.

CARVAJAL, Gaspar de. *Relación del nuevo descubrimiento del famoso rio Grande que descubrió por muy gran aventura el capitán Francisco de Orellana*. 1895.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso: Os Motivos Edênicos no Descobrimento e Colonização do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985.

JÚNIOR, Gonçalo. *Enciclopédia dos Monstros: O Perfil das Criaturas Mais Assustadoras de Todos os Tempos*. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações S.A., 2008.

---

Recebido em 22 de novembro de 2012.

Aceito para publicação em 04 de junho de 2013.

